

Os efeitos da música como terapia complementar na rotina de crianças sob tratamento oncológico

The effects of music as complementary therapy in the routine of children under oncologic treatment

DOI:10.34119/bjhrv4n2-078

Recebimento dos originais: 08/02/2021

Aceitação para publicação: 10/03/2021

Lucas Antônio Guimarães

Discente do Curso de Medicina do Centro Universitário de Patos de Minas – UNIPAM, MG – Brasil. Endereço: R. Maj. Gote, 808 - Caiçaras, Patos de Minas - MG, 38700-207
E-mail: lukasantonio75@Gmail.com

Karine Cristine de Almeida

Docente do Curso de Medicina do Centro Universitário de Patos de Minas – UNIPAM, MG – Brasil. Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Uberlândia (2002). Mestrado em Ciências da Saúde pela UFU (2005). Doutorado (2010) e Pós Doutorado (2012 e 2013) em Imunologia e Parasitologia Aplicadas pela UFU.

Endereço: R. Maj. Gote, 808 - Caiçaras, Patos de Minas - MG, 38700-207
E-mail: karineca@unipam.edu.br

Natália de Fátima Gonçalves Amâncio

Docente do Curso de Medicina do Centro Universitário de Patos de Minas – UNIPAM, MG – Brasil. Graduação em Fisioterapia pelo Centro Universitário de Patos de Minas (2010). Mestrado (2013), Doutorado (2016) e Pós-Doutorado (2020) em Promoção da Saúde pela Universidade de Franca. Especialista em Saúde Pública com Ênfase em Saúde da Família pelo Centro Universitário de Patos de Minas. Especialista em Fisioterapia na Saúde da Mulher pela Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais.

Endereço: R. Maj. Gote, 808 - Caiçaras, Patos de Minas - MG, 38700-207
E-mail: nataliafaga@unipam.edu.br

RESUMO

Introdução: O tratamento contra as complicações oncológicas, principalmente em crianças, é árduo e desgastante, suscitando então, a necessidade de minimizar os impactos causados por esse tipo de intervenção através, por exemplo, de recursos terapêuticos complementares. **Objetivo:** O presente estudo objetivou-se em avaliar a influência da musicoterapia como ferramenta auxiliar no tratamento oncológico em nível pediátrico. **Materiais e Métodos:** Trata-se de uma revisão de literatura acerca dos efeitos da musicoterapia no tratamento oncopediátrico. Utilizou-se a estratégia PICO para a elaboração da pergunta norteadora e o consequente cruzamento dos descritores “Câncer”; “Tratamento Oncológico”, “Crianças”; “Música”; nas bases de dados Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) e Google Scholar. **Resultados e Discussão:** Os estudos selecionados convergem na ideia de que a musicoterapia pode exercer grandes influências sobre inúmeros aspectos fisiológicos que, em última análise, interferem diretamente no âmbito psicoemocional, proporcionando, na maioria das vezes, ação analgésica, relaxamento

muscular, redução da frequência cardíaca, etc., fatores esses que são positivamente observados quando se visa a diminuição de efeitos negativos advindos dos procedimentos terapêuticos convencionais usados no combate ao câncer. Conclusão: A musicoterapia se mostrou como uma estratégia de cuidado capaz de atender os pacientes em nível multidimensional, atendendo aspectos físicos, psicológicos, sociais e espirituais, além de se mostrar altamente viável financeira e quanto ao quesito adaptação para ser implementada de modo complementar em praticamente todos os tratamentos oncológicos.

Palavras-chave: musicoterapia; tratamento oncológico; pediatria.

ABSTRACT

Introduction: The treatment against cancer complications, especially in children, is arduous and exhausting, thus causing the loss of impacts caused by this type of intervention through, for example, complementary therapeutic resources. **Objective:** The present study aimed to assess the influence of music therapy as an auxiliary tool in pediatric cancer treatment. **Materials and Methods:** This is a literature review about the effects of music therapy in oncopediatric treatment. The PICO strategy was used to prepare the guiding question and the consequent crossing of the descriptors "Cancer"; "Oncological Treatment", "Children"; "Music"; in the Virtual Health Library (VHL) and Google Scholar databases. **Results and Discussion:** The selected ones converge on the idea that music therapy can exert great influences on the physiological numbers that, in studies ultimately, directly interfere in the psychoemotional scope, providing, in most cases, analgesic action, muscle relaxant, frequency reduction cardiac, etc., factors that are positively observed when aiming to reduce negative effects arising from conventional therapeutic procedures used to fight cancer. **Conclusion:** Music therapy shows itself as a care strategy capable of serving patients at a multidimensional level, attending physical, psychological, social and spiritual aspects, in addition to proving to be highly financially viable and in terms of adaptation to be implemented in a complementary way in practically all cancer treatments.

Keywords: music therapy; cancer treatment; pediatrics.

1 INTRODUÇÃO

Seguindo a linha de pensamento defendida por Schein et al. (2006), o câncer é um tipo de patologia em que uma célula sofre alguma forma de alteração, provocando uma mudança funcional que, por sua vez, altera os padrões de divisão e multiplicação dessa unidade fisiológica. Nesse sentido, ainda de acordo com Schein et al. (2006), um dos principais exemplos de modelos terapêuticos atualmente utilizados para diminuir, eliminar ou controlar esse tipo de doença é a quimioterapia.

Contudo, segundo Kanda et al. (2014), tanto o próprio quadro oncológico quanto os tratamentos convencionais, tendo como exemplo o supracitado, causam altíssimos níveis de desconforto como náuseas, vômitos, sangramento nasal e bucal e,

principalmente, dor, o que, por sua vez, torna o enfrentamento contra o câncer árduo e difícil.

Nesse sentido, como abordado por Siqueira et al. (2015), considerando os níveis de envolvimento familiar, desgaste emocional e todos os aspectos humanos que são afetados pela presença incessante do sofrimento que é instaurado, desde o adoecimento até os estágios avançados de tratamento contra o câncer, principalmente no setor pediátrico, fica clara a necessidade de se abordarem, cada vez mais, modelos complementares de intervenção que possam, desde que sejam devidamente aplicados, auxiliar no âmbito oncológico de maneira a priorizar a minimização dos efeitos negativos, a promoção do conforto físico e mental e, de forma significativa, servir como uma possível válvula de escape para os pacientes e familiares que, respectivamente, vivem e acompanham todo o processo.

Dessa forma, de acordo com Silva et al. (2020), uma das possíveis ferramentas a serem utilizadas para atuar de modo complementar ao tratamento oncológico é a musicoterapia: uma estratégia que, de modo geral, consegue abranger e exercer influência sobre inúmeros aspectos da qualidade de vida, principalmente da faixa etária analisada neste estudo. Além disso, como ressaltado por Nemes e Souza (2018), mesmo que somente a partir da criação da Associação de Musicoterapia dos Estados Unidos em 1950, a musicoterapia tenha sido fomentada medicinalmente e consagrada como um curso de nível superior, sendo então, relativamente recente dentre nos inúmeros campos de estudo na saúde, os resultados e a relação custo-benefício de sua aplicabilidade, gradativamente, foram atribuindo a ela peso e destaque perante o mundo científico, fato esse, que é justificado pela ampla gama de estudos relacionados.

Portanto, a presente revisão se objetiva a relacionar a musicoterapia ao tratamento oncológico no âmbito pediátrico, identificando na literatura, as influências fisiológicas mais significativas que ela pode proporcionar para melhoria desse quadro, além de, em última análise, abordar os impactos dessas influências na questão emocional e psicológica das crianças sujeitas a essa enfermidade e nas suas famílias.

2 MATERIAIS E METODOLOGIA

O presente estudo consiste em uma revisão integrativa de literatura sobre as influências que a musicoterapia pode exercer sobre os aspectos físicos, psíquicos e emocionais de crianças submetidas a algum tipo de tratamento oncológico. Para

elaboração da questão de pesquisa da revisão integrativa, utilizou-se a estratégia PICO (Acrônimo para *Patient, Intervention, Comparison e Outcome*).

Assim, a questão de pesquisa delimitada foi “Quais os efeitos da música como terapia complementar na rotina de crianças sob tratamento oncológico?”. Nela, temos P= “Crianças”; I= “Música como terapia complementar”; C= Não se aplica e O= “Efeitos da Musicoterapia”. A partir do estabelecimento das palavras-chave da pesquisa, foi realizado o cruzamento dos descritores “Música”; “Crianças”; “Câncer”; “Tratamento Oncológico”; nas seguintes bases de dados: Google Scholar; Biblioteca Virtual de Saúde (BVS).

A busca foi realizada entre os meses de agosto e setembro de 2020. Foram considerados estudos publicados no período compreendido entre 2006 e 2020. A estratégia de seleção dos artigos seguiu as seguintes etapas: busca nas bases de dados selecionadas; leitura dos títulos de todos os artigos encontrados e exclusão daqueles que não abordavam o assunto; leitura crítica dos resumos dos artigos e leitura na íntegra dos artigos selecionados nas etapas anteriores.

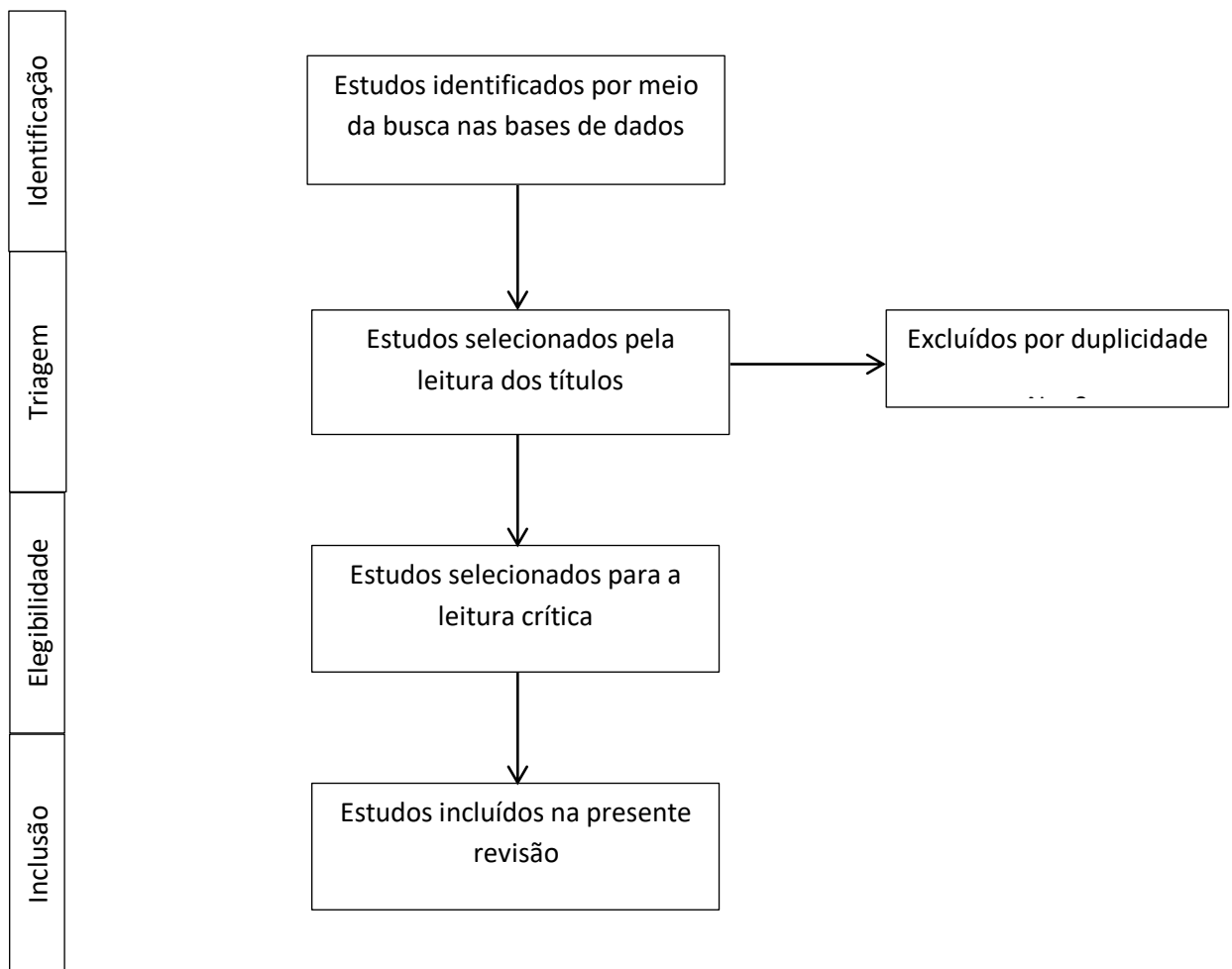
Foram encontrados 6327 artigos, sendo 5780 do Google Scholar e 547 da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), dos quais foram lidos os títulos e resumos publicados. No Google Scholar foram utilizados os filtros: publicação de estudos compreendida entre 2006 e 2020; idioma em português. Já na BVS, os critérios de pesquisa foram: estudos publicados entre 2015 e 2020; idioma em português; texto completo.

A partir da leitura dos títulos desses documentos encontrados, foram selecionados 17 artigos que, por sua vez, foram submetidos aos critérios de inclusão e exclusão, citados a seguir.

Como critérios de inclusão, foram considerados artigos originais, que abordassem o tema pesquisado e permitissem acesso integral ao conteúdo do estudo, sendo excluídos aqueles estudos que não obedeceram aos critérios de inclusão supracitados. Após leitura criteriosa das publicações, 2 artigos não foram utilizados devido aos critérios de exclusão. Dessa forma, 15 artigos foram selecionados para a análise final e construção da revisão bibliográfica acerca do tema.

Abaixo, segue-se a construção do **Fluxograma 1** que exprime dinamicamente e visualmente, os procedimentos tomados para o manejo dos documentos identificados, utilizados e excluídos.

Fluxograma 1: Organização e seleção dos documentos para esta revisão



3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A **Tabela 1** exprime os principais resultados encontrados dentre os avaliados artigos e mostra de maneira prática e sucinta as relações montadas entre eles, bem como seus autores e os respectivos títulos dos seus estudos.

Tabela 1: Visão geral dos estudos incluídos nessa revisão sistemática sobre os principais desgastes advindos do câncer e de seu tratamento e os efeitos da musicoterapia na melhoria desse quadro – 2006 a 2020.

Estudo	Título	Achados mais significativos
1. SCHEIN et al. 2006	Efeitos colaterais da quimioterapia em pacientes oncológicos hospitalizados	50% dos diagnósticos de câncer geram sintomas de ansiedade e angústia nos pacientes Presença de dores pelo corpo em 35% dos casos de tratamento quimioterápico.
2. SIQUEIRA et al. 2015	Expressão da dor na criança	Foi identificado, ao contrário de pressuposições médicas e populares, que as crianças podem sim

	com câncer: uma compreensão fenomenológica	compreender, perceber e expressar a dor e o sofrimento que sentem em níveis até mesmo mais elevados do que o esperado, contemplando aspectos multidimensionais desse tipo de reflexão.
3. KANDA et al. 2014	A percepção dos familiares cuidadores sobre o tratamento quimioterápico em crianças e adolescentes	↑ das alterações físicas dos pacientes advindas dos tratamentos oncológicos podem significar ↑ da tristeza, dor e sofrimento dos familiares que o acompanham. A reação familiar frente ao diagnóstico do câncer geralmente impacta negativamente em toda a possível terapêutica que será aplicada a criança.
4. NEMES; SOUZA. 2018	Musicoterapia receptiva no tratamento da dor crônica	Sinalização de inúmeros estudos mostrando o caráter álgico da música e identificação dos principais estilos de aplicação da musicoterapia: experiência musical interativa e experiência musical receptiva.
5. SILVA et al. 2020	Efeitos da música clássica aplicada em crianças hospitalizadas	A musicoterapia proporcionou alterações positivas nos sinais vitais para as crianças hospitalizadas, tais como: ↓ nos valores hemodinâmicos; ↓ da dor; ↓ dos impulsos elétricos influenciando na taxa do disparo para as fibras musculares com relaxamento muscular.
6. SOUZA et al. 2019	Música no hospital: promoção da saúde na oncologia	Mostrou que a musicoterapia também afeta um dos temas mais comentados no campo da saúde nos últimos anos: a humanização dos atendimentos. Foi demonstrado que o aprimoramento desse aspecto viabiliza grandes impactos, por exemplo, no cuidado oncopediátrico e assim, proporciona significativas melhoras na qualidade de vida dos pacientes.
7. SILVA; BARAN; MERCÊS. 2016	A música no cuidado às crianças e adolescentes com câncer: revisão integrativa	↑ da afinidade dos pacientes pelo estilo musical aplicado implica ↑ da eficácia da estratégia musicoterapêutica.
8. IAMIN; ZAGONEL. 2011	Estratégias de enfrentamento (coping) do adolescente com câncer	Revelaram que a musicoterapia pode servir de ferramenta para crianças e adolescentes com complicações oncológicas ao permitir que a usem como modo de enfrentamento do estresse e como meio facilitador da expressão sentimental.
9. MOTTA; ENUMO. 2010	Intervenção Psicológica Lúdica para o	Conseguiu identificar que o hábito de ouvir música é uma das estratégias mais usadas por crianças sob intervenção quimioterápica, o que, em suma, já

- | | | |
|------------------------------------|---|---|
| | Enfrentamento da Hospitalização em Crianças com Câncer | simboliza uma facilidade para a implementação da música como forma de terapia complementar e uma menor curva de adaptação das crianças a essa intervenção. |
| 10. KARST. 2015 | A musicoterapia na assistência domiciliar aos cuidadores da criança em cuidados paliativos oncológicos | Foi demonstrado que mesmo depois do falecimento das crianças por ação das degradações cancerígenas, a musicoterapia se mostrou um mecanismo eficiente para a promoção do conforto direcionado aos familiares que ficaram ainda mais vulneráveis a dor e ao sofrimento a partir da perda de seus entes queridos. |
| 11. PINTO JUNIOR et al. 2012 | Influência da Música na Dor e na Ansiedade decorrentes de Cirurgia em Pacientes com Câncer de Mama | Ressaltou a favorável relação custo-benefício no que tange a implementação e o manejo da musicoterapia. |
| 12. MENDES; SANTOS. 2019 | Musicoterapia Aplicada Dentro da Oncologia no Controle de Queixas Álgicas: Uma Revisão Integrativa | A partir do emprego da musicoterapia, observou-se (considerando-se os agravos oncológicos):
↓ da frequência cardíaca (- 4bpm);
↓ da frequência respiratória (- 2 irpm); |
| 13. SILVA; SÁ. 2006 | A emergência das emoções e sentimentos de pacientes adolescentes portadores de câncer, através da canção | Identificou que a musicoterapia pode instigar significativamente os pacientes a expressarem sentimentos ou fatos que muitas vezes são difíceis de serem anunciados pela comunicação verbal. |
| 14. CARDOSO; FERREIRA; SOUZA. 2008 | Humanização da Assistência Hospitalar: a escuta e o olhar musicoterápicos junto a familiares acompanhantes de crianças portadoras de câncer | Aplicação da musicoterapia pode sinalizar ↑ ou reativação da dimensão espiritual que, por sua vez, pode servir de apoio para o paciente no enfrentamento das dores e complicações oncológicas. |

15. BUENO; NEVES; RIGON. 2011	O manejo da dor em crianças com câncer: contribuições para a enfermagem	Mostrou o desenvolvimento de estudos que comprovam o aumento da eficácia de agentes farmacológicos quando associados a tratamentos alternativos como terapias ocupacionais ou a musicoterapia.
--	---	--

Legenda das siglas e sinais da Tabela 1: (↑) Aumento; (↓) Diminuição; (**bpm**) Batimentos por minuto; (**irpm**) Incursões Respiratórias por minuto.

Este estudo avaliou 15 documentos que discorreram a respeito da influência da música na melhora do processo de adoecimento e tratamento de pacientes do setor pediátrico, condicionados a quadros oncológicos. Dessa forma, observando a aplicação da musicoterapia e os seus mecanismos de ação, bem como os principais pontos de melhoria nas dinâmicas de cuidado e as alterações psíquicas e fisiológicas mais significantes, por exemplo, expressa-se a necessidade de discussão direcionada à promoção do conforto em momentos de grande desgaste que, ainda mais em patologias como o câncer, podem afetar praticamente todos os aspectos do ser humano e gerar assim, grandes níveis de sofrimento que, em suma, devem ser reduzidos e limitados ao máximo possível.

Nesse sentido, no que se refere as principais queixas evidenciadas por pacientes submetidos a tratamentos contra o câncer, como a quimioterapia, Schein et al (2006), investigou 20 indivíduos internados para esse tipo de intervenção no Hospital Universitário de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Dessa totalidade de pessoas incluídas no estudo, observou-se que 50% delas sofreram com desgastes psicológicos como angústia e ansiedade ao serem informados do diagnóstico de câncer e durante os procedimentos quimioterápicos. Ademais, fadiga/cansaço e dores pelo corpo foram relatados por 35% dos pacientes, isso, desconsiderando o natural desconforto que os demais efeitos colaterais advindos do tratamento como as náuseas (60%), os vômitos (35%) e a febre (25%), por exemplo, também provocaram nesses pacientes.

De modo mais específico, tendo em vista a grande presença da dor física e emocional evidenciada principalmente no percurso dos quadros oncológicos, Siqueira et al (2015), direcionou uma pesquisa para o setor pediátrico por meio de uma abordagem fenomenológica com 17 crianças entre 7 e 11 anos, sendo 11 delas do sexo feminino e o restante do sexo masculino. A partir desse estudo, foi possível serem desmistificadas algumas pressuposições que indicavam a falta de capacidade desses indivíduos de compreenderem, perceberem ou expressarem o próprio sofrimento.

Ainda nesse viés, segundo o supracitado autor, além de terem toda essa consciência a respeito do que sentem, as crianças ainda demonstraram entendimento multidimensional da dor, ou seja, a visão subjetivamente delineada do que é esse aspecto da vida a qual estão condicionadas, o que, por sua vez, sinalizou a necessidade de estratégias de avaliação e intervenção algica, afinal, ficou claro que a dor é tanto um dos desgastes mais presentes na vivência oncopediátrica como também é um dos mais refletidos psicofisiologicamente pelas crianças.

Dessa forma, segundo Nemes e Souza (2018), por meio da efetivação de uma revisão bibliográfica, entra em campo a música que é, de modo geral, a organização temporal de sons e silêncios que podem ser receptivos aos ouvidos de forma agradável. Contudo, ela vai além das influências fisiológicas e consegue atingir patamares de suscitação cultural de povos, épocas ou regiões. Assim, ainda de acordo com Nemes e Souza (2018), quando um profissional ou equipe competente, baseando-se em evidências, faz uso da música com a finalidade de atingir objetivos dentro de uma relação terapêutica, essa aplicação torna-se a musicoterapia.

Ainda nesse viés, Nemes e Souza (2018) mencionaram inúmeros estudos em sua revisão que evidenciaram algumas das influências dessa estratégia de tratamento alternativo: diminuição da intensidade da dor, efeitos benéficos em relação ao sofrimento emocional e positividade quanto ao controle ou redução da pressão arterial e frequência cardíaca e respiratória, por exemplo. Paralelamente, foi possível também relacionar a necessidade de estratégias de avaliação e intervenção algica, sinalizada por Siqueira et al (2015), com o poder analgésico da musicoterapia sugerido por Nemes e Souza (2018), sendo o proposto pelos últimos uma possível solução do problema elucidado pelo primeiro. Isso se dá, tendo em vista que, de acordo com Nemes e Souza (2018), tanto na experiência musical interativa (quando o próprio paciente produz a música) quanto na experiência musical receptiva (quando o paciente é sujeito a peças musicais) ocorre a propiciação desse benefício algico que, finalmente, pôde ser notado inúmeras vezes dentre os estudos revisados pelos dois últimos referidos autores.

Além disso, Kanda et al (2014), também propôs a musicoterapia como ferramenta útil para a minimização do impacto causado pelo sofrimento dos pacientes nos seus familiares, afinal, apesar de sintomas e complicações serem restritos ao doente, as consequências dos tratamentos e do percurso da patologia infligem dor psicológica e sentimental a quem acompanha todo o processo. Em exemplo, o estudo realizado pelos autores supracitados, no qual participaram 10 familiares ou cuidadores de crianças e

adolescentes sob tratamento quimioterápico, conseguiu identificar que, para as mães, a alopecia se configura como uma das alterações físicas de desgaste terapêutico que mais instigam tristeza e sofrimento dentro do processo oncológico. Ademais, também foi mostrado que o momento do diagnóstico, além de ser um dos mais desastrosos para as famílias também é de grande significância para o surgimento de complicações no processo de tratamento, pois, a desestabilização emocional familiar que geralmente acontece nesse ponto pode interferir no fisiológico da criança e na sua adequação à terapêutica que ainda, possivelmente, virá a ser submetida.

Ainda nesse sentido, Kanda et al (2014) mostraram que, se bem aplicada, a musicoterapia pode aliviar e muitas vezes acalmar os sentimentos dos acompanhantes e familiares das crianças sob tratamento oncológico ao suscitar pensamentos encorajadores ou simplesmente proporcionar momentos de descontração que, em meio a tantas dificuldades advindas da circunstância patológica, mostram-se úteis para o aumento da união familiar e, conseqüentemente, facilitam a compreensão sobre a fase que estão passando.

Silva e Sá (2006) e Iamin e Zagonel (2011), destacaram, por sua vez, que a musicoterapia pode colaborar também para a facilitação da expressão emocional dos pacientes, principalmente daqueles que não conseguem falar a respeito de algumas de suas vivências ou sentimentos verbalmente. Segundo os autores, essa colaboração é de grande proveito para com a lida das equipes médicas em relação aos doentes, isso porque, muitas vezes, um tratamento como a quimioterapia é iniciado, porém, alguns pacientes em específico parecem sofrer três ou quatro vezes mais que outros, mesmo que todos estejam sujeitos às mesmas circunstâncias.

A causa disso, ainda de acordo com Silva e Sá (2006) e Iamin e Zagonel (2011), é que esses indivíduos específicos podem estar com pensamentos reprimidos como o de solidão ou lembranças de traumas passados que os fazem ter medo do que estão e possivelmente virão a passar, além é claro, do próprio receio sobre um risco de morte, infelizmente comum em situações como essas. No âmbito pediátrico, esse fechamento ainda é mais preocupante, visto que, apesar de Siqueira et al (2015), terem afirmado a capacidade das crianças de compreenderem e entenderem suas dores e sentimentos, a expressão do que pensam, ou seja, a abertura para falar a respeito verbalmente, muitas vezes lhes falta e isso pode exponenciar o sofrimento que eles já vivem, o que em suma, faz da musicoterapia uma ferramenta muito eficiente para melhorar e dar espaço para outras formas de expressão desses aspectos pelos pacientes

afim de que possam diminuir, ainda que pouco, o peso que carregam sozinhos e tenham assim, a oportunidade de conversar com os profissionais de saúde a respeito das suas problemáticas mais pessoais.

Adicionalmente, Karst (2015), conseguiu, através do acompanhamento de atendimentos musicoterápicos de duas crianças em estado já avançado de condição oncológica e frequentes observações do comportamento de suas famílias perante a gravidade de seus quadros clínicos, evidenciar a abrangência desse tipo de estratégia de cuidado, durante e até mesmo, no momento de morte. Isso mostra que a musicoterapia pode servir também como fonte de conforto emocional e fisiológico para o sofrimento aumentado de parentes e cuidadores, não somente em vida, como destacado por Kanda et al (2014), mas também, frente o falecimento das crianças. Tal afirmação é sustentada pelo registro acadêmico da solicitação feita por ambas as famílias previamente mencionadas, de continuidade das visitas de atendimento musicoterápico por, pelo menos, mais duas vezes, mesmo após o falecimento das crianças.

Além das complicações emocionais, os abalos espirituais, inclusive compreendidos pelos pequeninos, como evidenciado por Siqueira et al (2015), são outro fator de grande destaque que pode interferir negativamente na performance dos resultados de tratamentos oncológicos. De acordo com Cardozo, Ferreira e Souza (2008), as letras das canções, principalmente quando de caráter religioso, reativam o fator espiritual: um “pilar de sustentação”, que muitos indivíduos carregam consigo, mas que com o decorrer dos gradativos, frequentes e dolorosos impactos condicionados aos processos de enfermidade, pode vir a ser esquecido ou ignorado pelos pacientes.

Nesse sentido, ao considerarem que a finalidade máxima médica é a promoção da saúde em sua integralidade, Cardozo, Ferreira e Souza (2008) refletiram também que qualquer meio ético que proporcione auxílio para a melhoria de um quadro clínico é bem-vindo e, nesse sentido, evidenciaram a importância do uso da musicoterapia tangente ao seu potencial de despertar aspectos humanos altamente significativos, como a espiritualidade. Tendo ferramentas para lidar com temas como esses, os médicos podem aprimorar a eficiência de seus tratamentos e estabilizar, acima de tudo, os laços das relações médico-paciente. Em suma, o uso da musicoterapia suscita a espiritualidade, que por sua vez, se bem trabalhada pode, em última análise, contribuir muito para a melhora dos quadros, não só, mas principalmente, oncológicopediátricos.

Souza et al (2019) também trataram de mais um campo de impacto da musicoterapia: o aprimoramento da humanização nos atendimentos no setor de saúde. O

relato de caso apresentado pelos referidos autores apontou que essa estratégia pode ampliar o poder do caráter humanizado de estabelecer vínculos de confiança e entendimento entre as equipes médicas e os pacientes. Mais especificadamente, no âmbito pediátrico, esse tipo de aspecto, quando bem atendido, tem a capacidade de viabilizar a tranquilização da criança e a consequente facilitação de inúmeros procedimentos, que pelo medo ou insegurança dela, muitas vezes seriam mais desgastantes e comprometedores no que tange à promoção de conforto e de bem-estar.

Contudo, além do aspecto subjetivo e perspectivo da dor e do sofrimento, até agora abordado por este estudo, ainda existem também os impactos e alterações propriamente fisiológicas que em maior ou menor grau, podem comprometer drasticamente as probabilidades de melhora das crianças sob tratamento oncológico. Tal linha de pensamento ainda é acompanhada, obviamente, pelos estudos de autores como Mendes e Santos (2019), Silva et al. (2020) e Silva, Baran e Mercês (2016) que discorreram a respeito da influência benigna da musicoterapia em relação a essas negativas físicas. De acordo com os resultados encontrados, a dor, tratando-se então da abordagem fisiológica, é dada como uma experiência sensitiva desagradável que se vincula à lesão potencial ou real dos tecidos. Dessa forma, se não controlada adequadamente, ela pode ativar mecanismos do sistema nervoso simpático com potencial de causar alterações significativas no quadro clínico no qual o paciente se encontra.

Nesse sentido, dentre as mudanças fisiológicas, as que aparecem com mais destaque são o aumento da frequência cardíaca (FC), da frequência respiratória (FR), da pressão arterial (PA) e da resistência periférica, além de modificação das normalidades corporais como o sono, o apetite e as variações dos níveis de estresse. Autores como os já mencionados Mendes e Santos (2019), Silva et al. (2020) e Silva, Baran e Mercês (2016), estiveram em consonância com as disposições deste parágrafo e, além disso, consideraram a musicoterapia como possibilidade de ser um mecanismo de abrandamento da dor e, conseqüentemente, de servir como controle sobre as principais alterações advindas desse aspecto.

Apesar de também ter sido mostrado nos estudos de Mendes e Santos (2019), Silva et al. (2020) e Silva, Baran e Mercês (2016) que as variações nesses indicativos fisiológicos não são tão grandes pela influência da musicoterapia, eles reiteraram que esses resultados são sim, motivo para entusiasmo quanto ao prognóstico dos pacientes principalmente no setor oncopediátrico visto que, condições altamente debilitantes melhoram com mínimos e não máximos, ou seja, em indivíduos saudáveis, quedas de

4bpm na FC até não significam expressividade, porém, tratando-se, por exemplo, da patologia abordada nesta revisão, esses detalhes podem trazer grandes benefícios para a vida especialmente dessas crianças.

De modo geral, Mendes e Santos (2019), Silva et al. (2020) e Silva, Baran e Mercês (2016) explicaram que uma diminuição desse conjunto de alterações (viabilizadas por ritmos mais lentos, com melodias de tons graves e intensidade suave, como a música clássica) podem induzir diretamente ao relaxamento corporal e, conseqüentemente, proporcionarem efeitos de analgesia que, em última análise, causam expressivo conforto aos pacientes. Ao mesmo tempo, ritmos alegres e estimulantes (como o indie rock) que, segundo os estudos, estão relacionados ao aumento das medições de FR e FC, por exemplo, podem também colaborar para a melhora dos pacientes pois instigam a liberação de hormônios como a serotonina que, finalmente, proporcionam prazer e bem-estar, diminuindo assim, as sensações incômodas de dor e indisposição advindas dos desgastes oncológicos.

Adicionalmente, Silva, Baran e Mercês (2016), sinalizaram, através de sua revisão integrativa, que, para uma maior efetividade da musicoterapia, é ideal que os estilos musicais sejam escolhidos com base nas afinidades dos pacientes que serão submetidos a esse tipo intervenção, ou por eles próprios.

Ainda segundo os autores, em alguns casos, quando esse critério passa despercebido, pode ocorrer um efeito antipático por parte dos indivíduos que não se adequam ao som e, assim, não se submetem ou não são beneficentemente afetados pelo tratamento. Isso significa que a relação entre as pessoas e as músicas é altamente individual, internalizada ao gosto do paciente e que, nesse sentido, nem sempre um ritmo calmo será o mais adequado ou um mais energético, e vice-versa. Portanto, Silva, Baran e Mercês (2016) reiteraram a perspectiva acadêmica de que, na maioria esmagadora dos casos, o ideal é que o próprio paciente escolha a música que mais lhe causa bem-estar, de modo que, possíveis adversidades na aplicabilidade da intervenção sejam quase que em sua totalidade eliminadas.

Colaborando com todo o conteúdo discutido até o momento, Motta e Enumo (2010) fizeram uma pesquisa na qual participaram 12 crianças: sete meninos e cinco meninas. Nesse estudo, eles observaram os principais hábitos praticados por elas que colaboravam ou prejudicavam o enfrentamento das desventuras advindas do tratamento quimioterápico e do desgaste causado pelo câncer. Assim, dentre os resultados obtidos,

uma das práticas mais relatadas pelos pequeninos como forma de enfrentamento dessas dificuldades, foi a de ouvir música, antes, durante ou depois das sessões de quimioterapia.

Nesse sentido, fica evidente o supracitado como um ponto de facilitação que contribui ainda mais para o êxito de intervenções musicoterápicas complementares aos tratamentos oncopediátricos, pois, o ser humano tem mais facilidade em se adaptar, aceitar ou entender fatos e acontecimentos que ele previamente já teve contato ou que já possuía uma prévia ideia a respeito. Dessa forma, sendo o hábito de ouvir música um costume para a maioria das crianças sujeitas as condições descritas, compreender e se integrar aos efeitos e influências de um tratamento musicoterápico, torna-se tarefa significativamente mais tranquila e eficaz, tanto para os pacientes quanto para a equipe que trabalhará a intervenção.

Outros autores que fazem valer as proposições deste artigo são Bueno, Neves e Rigon (2011) que, apesar de terem reafirmado as diretrizes da Organização Mundial da Saúde (OMS) em 2009 a respeito do manejo da dor na pediatria, acabaram ressaltando uma maior preocupação dessa agência somente com o aspecto cognitivo das crianças, sem ser claramente estabelecida a necessidade de aplicar a farmacologia analgésica juntamente com a atenção aos aspectos psicológicos, o que, teoricamente, aprimoraria a receptividade delas e de seus familiares a respeito das intervenções aplicadas ou sugeridas.

Nesse sentido, esquemas não farmacológicos como a musicoterapia que, naturalmente são mais vinculados a esse caráter psicológico, e que, também de acordo com Bueno, Neves e Rigon (2011), são de suma importância para a promoção de conforto aos pacientes, acabaram sendo um tanto quanto inexplorados ou desconsiderados pelas recomendações da OMS, fato esse que demonstra uma certa indiferença dessa importante agência quanto aos tratamentos alternativos, mesmo sendo eles tão ultimamente exaltados no meio científico.

Por fim, Pinto Junior et al (2012) ressaltou, por meio de um ensaio clínico controlado que contou com 29 pacientes, o uso da música como terapia complementar aos tratamentos oncopediátricos ao evidenciar a facilidade de implementação desse tipo de estratégia tendo em vista o caráter financeiro do assunto. Referente a esse estudo, foi discorrido que a obtenção de aparelhos capazes de atenderem a individualidade da preferência musical dos pacientes (como um dispositivo MP3), é significativamente

acessível¹ e a possibilidade de inúmeras reutilizações, condicionadas somente à necessidade de desinfecção, torna o custo por paciente altamente rentável.

Ademais e ainda de acordo com Pinto Junior et al (2012), mesmo quando a musicoterapia se dá perante a experiência musical interativa (em que se demandam instrumentos para que o próprio paciente desenvolva uma composição sonora) esse cenário custo-benefício ainda se mostra favorável, tendo em vista que, assim como ocorre no manejo dos dispositivos MP3 o tratamento para com a instrumentalização também pode ser realizado, de modo que um mesmo violão, por exemplo, acaba sendo, desde que devidamente desinfecionado, compartilhado entre inúmeros pacientes de uma única instituição de saúde.

3 CONCLUSÃO

De acordo com todo o conteúdo revisado, ficou notável a contribuição multifatorial que o uso da musicoterapia pode oferecer, principalmente, aos pacientes oncopediátricos. O fato de ser essa, uma estratégia que atente os âmbitos corporal, psicológico e espiritual garante que as crianças e suas famílias de alguma forma, pelo mínimo que seja, e se bem aplicada, contarão com a possibilidade de escape/mecanismo de enfrentamento para superar as adversidades advindas da dinâmica oncológica.

Além disso, esse estudo também evidenciou que existem inúmeros facilitadores para a implementação da musicoterapia na dinâmica hospitalar, como a relação custo-benefício e a alta capacidade de adequação à estratégia por parte dos pacientes submetidos a ela.

Ademais, ficou claro que um dos principais fatores condicionantes do bom êxito desse tipo de terapia é a atenção dos profissionais em relação as preferências musicais de cada paciente, de modo que se evitem os riscos de desenvolvimento antipático e a consequente subversão do objetivo máximo da musicoterapia: a promoção do conforto e do bem-estar frente aos desgastes do processo de adoecimento e tratamento, que foram, nessa revisão, focados no setor oncopediátrico.

¹ No período que compreendeu a pesquisa (agosto de 2008 a abril de 2010) um MP3 player custava em torno de R\$ 80,00.

REFERÊNCIAS

- BUENO, P. C.; NEVES, E. T.; RIGON, A. G. O manejo da dor em crianças com câncer: contribuições para a enfermagem. **Revista Cogitare Enfermagem**, Santa Maria, v. 16, n. 2, p. 226-231, abr./jun. 2011.
- CARDOSO, E. E.; FERREIRA, E. A. B. F.; SOUZA, G. C. X. S. Humanização da Assistência Hospitalar: a escuta e o olhar musicoterápicos junto a familiares acompanhantes de crianças portadoras de câncer. *In: XVIII Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação (ANPPOM)*, 2008, Salvador. **Trabalho aceito pela Comissão Científica do XVIII Congresso da ANPPOM**. Salvador, 2008. p. 500-506.
- IAMIN, S. R. S.; ZAGONEL, I. P. S. Estratégias de enfrentamento (coping) do adolescente com câncer. **Revista Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 29, n. 67, p. 427-435, out./dez. 2011.
- KANDA, M. H.; CONTIM, GONÇALVES, J. R. L.; SANTOS, E. A. dos. A percepção dos familiares cuidadores sobre o tratamento quimioterápico em crianças e adolescentes. **Revista Cogitare Enfermagem**, Colina, v. 19, n. 1, p. 84-88, jan./mar. 2014.
- KARST, L.T. **A musicoterapia na assistência domiciliar aos cuidadores da criança em cuidados paliativos oncológicos**. 2015. 139 f. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.
- MENDES, J. L. V.; SANTOS, N. A. R. dos. Musicoterapia aplicada dentro da oncologia no controle de queixas algicas: uma revisão integrativa. **Revista Educação, Meio Ambiente e Saúde**, Manhuaçu, v. 9, n. 2, p. 15-27, abr./jun. 2019.
- MOTTA, A. B.; ENUMO, S. R. F. Intervenção psicológica lúdica para o enfrentamento da hospitalização em crianças com câncer. **Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Vitória, v. 26, n. 3, p. 445-454, jul./set. 2010.
- NEMES, M. C.; SOUZA, L. M. F. O. L. Musicoterapia receptiva no tratamento da dor crônica. **Revista InCantare**, Curitiba, v. 9, n.1, p. 47-66, jan./jun. 2018.
- PINTO JUNIOR, F. E. L.; FERRAZ, D. L. M. de.; CUNHA, E. Q. da.; SANTOS, I. R. M. dos.; BATISTA, M. C. da. Influência da música na dor e na ansiedade decorrentes de cirurgia em pacientes com câncer de mama. **Revista Brasileira de Cancerologia**, Natal, v. 2, n. 58, p. 135-141, 2012.
- SCHEIN, C. F.; MARQUES, A. R.; VARGAS, C. L.; KIRSTEN, V. R. Efeitos colaterais da quimioterapia em pacientes oncológicos hospitalizados. **Revista Disciplinarum Scientia**, Santa Maria, v. 7, n. 1, p. 101-107, 2006.
- SILVA, F. O.; SÁ, L. C. de. A emergência das emoções e sentimentos de pacientes adolescentes portadores de câncer, através da canção. *In: XVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música (ANPPOM)*, 2006, Brasília. **Trabalho aceito pela Comissão Científica do XVI Congresso da ANPPOM**. Brasília, 2006. p. 598-604.

SILVA, L. A. G. P. da.; BARAN, F. D. P.; MERCÊS, N. N. A. das. A música no cuidado às crianças e adolescentes com câncer: revisão integrativa. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina: Texto & Contexto Enfermagem**, Cascavel, v. 4, n. 25, p. 1-10. 2016.

SILVA, A. C. P. da.; OLIVEIRA, M. L. de.; CARVALHO, L. C.; LIMA, C. C. de. Efeitos da música clássica aplicada em crianças hospitalizadas. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**. Alfenas, v. 48, n. 48, p. 1-9. 2020.

SIQUEIRA, H. B. O. M. de.; SANTOS, M. A. dos.; GOMEZ, R. R. F.; SALTARELI, S.; SOUSA, F. A. E. F. Expressão da dor na criança com câncer: uma compreensão fenomenológica. **Revista Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 4, n. 32, p. 663-674, out./dez. 2015.

SOUZA, J. B. de.; CAMPAGNONI, J. P.; BARBOSA, S. S. P. dos.; SAUER, A. G.; ZENENVICZ, L. T.; BRUM, C. N. de.; MARTINS, E. L.; REINALDO, R. D. Música no hospital: promoção da saúde na oncologia. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, Chapecó, n. 32. 2019.